

Revolução Etíope: impactos regionais e sistêmicos

*Luiza Nunes Corrêa**

RESUMO: O presente artigo busca analisar a revolução etíope de 1974 e seus desdobramentos para a inserção internacional do país. Primeiramente, faz-se uma breve introdução do tema e do país em questão. Depois, há um histórico dos antecedentes da revolução e do processo revolucionário em si. Em seguida, são demonstrados seus efeitos para sua inserção regional e internacional, além das repercussões para o Sistema Internacional e seu equilíbrio de poder. A isso segue-se a conclusão, na qual observa-se que, apesar de ser seguidamente esquecida, a revolução etíope foi de grande importância não só para a região, mas para o sistema internacional e para o conflito entre as superpotências que ocorria no período.

PALAVRAS-CHAVE: Etiópia; Revolução; Chifre Africano; Guerra Fria.

* Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1 Introdução

As revoluções têm sido um aspecto pouco presente nos estudos de Relações Internacionais, apesar de seus importantes desdobramentos, não só internamente para os Estados, como também para o Sistema Internacional como um todo. As teorias mainstream acabam por não abordá-las, focando principalmente nas guerras interestatais (HALLIDAY, 1999).

A Revolução Etíope ocorre durante o período de Guerra Fria e impacta diretamente nas relações entre as duas potências hegemônicas. Além disso, se insere no contexto da descolonização africana e em uma década em que ocorrem importantes revoluções, tanto na África quanto no Oriente Médio. No presente artigo, busca-se analisar não só seus condicionantes e os condicionantes do processo revolucionário em si, mas também seus impactos, tanto internos, devido às questões étnicas do país, quanto regionais e internacionais, baseando-se, assim, na forma de análise proposta por Halliday (1994). Segundo esse autor, as revoluções são eventos internacionais nos quais seria possível observar um certo grau de uniformidade. Seriam quatro as áreas em que poderíamos fazer essas observações: nas causas da revolução, quanto à influência dos fatores externos; na política externa dos Estados revolucionários; nas reações dos outros Estados; nos fatores externos e no Sistema Internacional, que constroem o desenvolvimento interno do Estado revolucionário (HALLIDAY, 1994). Assim, justifica-se a forma de análise apresentado por este trabalho.

A Etiópia é o segundo país mais populoso da África (com cerca de 94 milhões de habitantes), localizado no coração do chifre africano e cujo histórico remete há milhares de anos. Sua história é permeada pela forte presença religiosa, em especial na sua formação – que se deu, em síntese, pela dominação dos povos originários do Sul pelos povos do Norte (CARVALHO, 2013; SCHNEIDER, 2010).

Nota-se que o processo de formação do território etíope é distinto do restante da África, visto que ocorreu por meio da conquista militar dos próprios povos originais e não por imposição colonial europeia. Esse fator tem consequências até hoje, havendo grande número de etnias coabitando o território e disputando representação política, por meio do chamado federalismo étnico.

O fato de não ter havido dominação estrangeira no país é motivo de orgulho nacional, tendo inclusive influenciado uma série de movimentos sociais mundo afora, como o movimento rastafári e o pan-africanismo, tornando a Etiópia um exemplo de resistência na África negra. Sua ocupação por tropas italianas a partir de 1935 e o apoio para a libertação do território (a qual ocorre em 1941) oferecido pelas então metrópoles Inglaterra e França gerou uma contradição – de potências coloniais sendo a favor da independência de um país africano – que incentivaria movimentos de descolonização no continente (VISENTINI, 2010).

Uma das principais características do país era a manutenção das estruturas sociais e políticas há muito estabelecidas, como o regime imperial. O último imperador, Hailé Selassié, tornou-se parte da estrutura de poder ao casar-se com uma das filhas de Melenik II, na época imperador da Etiópia. Ele assumiria o trono em 1928, o que levaria a um longo e conturbado período de governo, se encerrando somente na década de 1970 (MARCUS, 1994). O período posterior à sua coroação como imperador, ocorrida em 1930, foi marcado por uma série de reformas na estrutura política etíope. A Constituição formalmente apresentada em 1931 previa uma legislatura bicameral, em que pela primeira vez pessoas de fora do circuito nobre poderiam participar da política – ainda que essas participações não tenham ocorrido de imediato. Ademais, foram empreendidos esforços no desenvolvimento de infraestrutura e comunicação (rádios, linhas de telégrafo, importação de carros para transporte) e reformas educacionais afim de desenvolver o capital humano no país, embora essas reformas não tenham sido universais no que diz respeito ao acesso à educação (MARCUS, 2002). Pode-se dizer, assim, que

[...] as reformas lideradas por Hailé Selassié ajudaram a criar o bloco de construção fundamental para a metamorfose gradual da Etiópia de um Estado feudal e tributário em uma estrutura econômica com lógica monetária e um participante na ordem econômica do mundo moderno (ADEJUMABI, 2007, p. 57, tradução nossa)¹.

As reformas de Selassié contaram também com a contratação de especialistas europeus, os quais auxiliaram na conclusão de um tratado entre Etiópia, Inglaterra, França e Itália para a compra de armamentos. Preocupado com sua segurança

¹ Do original: Haile Selassie-led reforms helped create the foundational building block for the gradual metamorphosis of Ethiopia from a feudal or tributary state to a cash-nexus economic structure and a participant in the modern world economic order (ADEJUMABI, 2007, p. 57).

interna, o país tinha pouco poder de influência sobre as colônias vizinhas, o que facilitou a conclusão desse acordo em 1930, representando um marco no reconhecimento da Etiópia como um Estado soberano, com capacidade de exercer poder livremente dentro de seu próprio território (MARCUS, 1994; SCHWAB, 1985).

Isso não impediu que a Itália invadisse a Etiópia em 1935, usando como pretexto um pequeno incidente. Essa ação militar já era planejada, pelo menos, desde 1931, e foi facilitada pela política de apaziguamento praticada pelas outras potências europeias, as quais tentavam evitar uma outra guerra desgastante como fora a Primeira Guerra Mundial. O bloqueio da venda de armas para ambas as partes prejudicou de maneira significativa o exército etíope, que acabou derrotado, obrigando seu imperador a fugir do território em 1936 (ADEJUMOBI, 2007; VISENTINI, 2010).

Selassié somente retornou ao comando do país em 1941 e, até o golpe em 1974, a ação da Etiópia na região e no cenário internacional passa a ser bem mais assertiva, orientada a partir de uma agenda que buscava, entre outros, o acesso ao mar, a recuperação da Eritreia, a obtenção de reparações de guerra da Itália, a assistência para a modernização militar e, por fim, a contribuição estadunidense por meio de investimentos em projetos de desenvolvimento, de transferência de tecnologias e de apoio político (MARCUS, 1994).

O ponto alto da ação regional etíope é a anexação da Eritreia, em 1962, a qual não ocorre sem conflitos – que persistiriam não só durante a administração de Selassié, mas durante todo o período posterior. Essa política levou também a uma posição de liderança no continente africano, principalmente no âmbito da Organização da Unidade Africana (OUA) (criada em 1963) pois a ênfase que o discurso etíope colocava no fato de o país nunca ter sido oficialmente colonizado atraía a admiração de diversos povos do continente e até mesmo de fora dele (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981).

2 O Processo Revolucionário

2.1 Antecedentes

As contradições que originaram a revolução que destituiria Hailé Selassié já se faziam presentes há bastante tempo, sendo claro que mudanças extremas eram necessárias para reverter as características pré-capitalistas da sociedade etíope, a qual continha elementos que a aproximavam de um sistema feudal, principalmente em relação à propriedade da terra e à extração de excedentes agrícolas (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981; SCHMIDT, 2013). Porém, nada indicava que correriam mudanças tão drásticas e, principalmente, que o novo regime seria de esquerda, visto que o país não contava com um partido ou com organizações socialistas. Assim, os EUA não conseguiram evitar a revolução não devido a qualquer atuação soviética, mas por que ela ocorreu de forma espontânea a partir dos constrangimentos internos (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981).

No ano de 1960, se iniciam os eventos que culminariam na derrubada do regime: ocorre uma tentativa golpe para derrubar o imperador, que é impedido pelos militares. Assim, estes passam a ter maior consciência de seu poder e de sua importância para a manutenção do regime, levando o imperador a fazer concessões cada vez maiores para garantir seu apoio (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981; WESTAD, 2005; VISENTINI, 2013). A anexação da Eritreia (1962) - e, consequentemente, a luta de libertação desencadeada pela EPLF - e as rebeliões de Gojjam (1967-1968), aceleram esse processo, o que soma-se a uma maior politização dos estudantes, os quais foram os responsáveis por fazer a ligação entre os militares, os camponeses e o proletariado urbano, todos descontentes com a situação do país (TAREKE, 2009; VISENTINI, 2013).

O baixo desenvolvimento econômico, o desemprego, a concentração cada vez maior de poderes nas mãos do imperador, a crise agrícola e as tentativas falhas de modernização da produção no campo aumentaram a pressão por reformas, principalmente por parte dos estudantes (SCHMIDT, 2013). A essas questões associavam-se o baixo nível de integração à economia internacional e a baixa integração entre as regiões do país (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981).

2.2 A Revolução Etíope

O golpe ocorre após uma grande seca causar devastação econômica e privações à população, entre 1972-1973, ocasionando a morte de aproximadamente 300 mil pessoas como consequência da recusa do governo central em pedir ajuda externa (temendo pela imagem externa do país) e do fato de que os camponeses foram forçados a continuar produzindo para exportação (VISENTINI, 2013; SCHMIDT, 2013). O quadro foi agravado pelo primeiro choque do petróleo ocorrido no mesmo ano, o qual aumentou a inflação e as pressões econômicas sobre a população (HALLIDAY& MOLINEUX, 1981; VISENTINI, 2013; SCHMIDT, 2013)

A deflagração do golpe ocorre em fevereiro de 1974, quando militares dissidentes tomam várias cidades e cercam prédios públicos na capital, após um aumento crescente nas desde o mês anterior:

O estágio final da revolução etíope começou em janeiro de 1974, com uma série de motins liderados pelos militares em várias províncias e com demonstrações da população inquieta na capital. No que começara inicialmente como um fenômeno urbano, estudantes, professores, serventes civis e soldados embarcaram numa rebelião contra os representantes imperiais de HailéSelassié, seus apoiadores da nobreza e da aristocracia feudal e a nascente burguesia nacional. Campanhas populares e revoltas foram acompanhadas por pedidos de separação entre Igreja e Estado e de igualdade religiosa, regional, ocupacional e socioeconômica (ADEJUMOB, 2007, p. 119, tradução nossa)².

Selassié consegue conter os protestos dos militares atendendo às suas reivindicações, mas apenas temporariamente, pois naquele momento inicia-se uma politização cada vez mais aguda dos militares, dos estudantes, dos professores, dos taxistas, dos membros da burocracia estatal, dentre outros grupos, que continuam mobilizados e fazem oposição ao regime (HALLIDAY& MOLINEUX, 1981; VISENTINI, 2013). A situação permanece estagnada até junho, quando ocorre uma revolta de jovens oficiais, a partir da qual é formado o Derg (Comitê

2 Do original: The final stage of Ethiopian revolution began in January 1974 with a series of mutinies led by the military in various provinces and demonstrations by restive citizenry in the capital. In what initially started as an urban phenomenon, students, teachers, civil servants, and soldiers embarked on a rebellion against the imperial representatives of Haile Selassie, its supporters of nobility and feudal aristocracy, and the nascent national bourgeoisies. Popular campaigns and uprisings were accompanied by calls for the separation of church and state and equality of religious, regional, occupational, and economic groupings (ADEJUMOB, 2007, p. 119).

de Coordenação das Forças Armadas, Polícia e Exército Territorial) (CLAPHAM, 1987).

Os debates sobre o modelo de governo a ser adotado se arrastaram por meses, e, com o fracasso das negociações em setembro do mesmo ano, o Derg dissolveu o parlamento e destituiu HailéSelassié, abrindo a possibilidade para o estabelecimento de um regime de orientação marxista-leninista – por meio da apropriação das ideias revolucionárias da esquerda etíope (WESTAD, 2005; VISENTINI, 2013). Em outubro, a possibilidade de uma transferência de poder para os civis foi afastada, e o Derg assume efetivamente o governo, imprimindo, primeiramente, uma orientação nacionalista (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981; TAREKE, 2009).

O General Aman Andom foi escolhido como primeiro porta-voz do regime, apesar de não ser um membro do Derg. Porém, suas políticas conciliatórias em relação à Eritreia e sua recusa em executar os aristocratas fizeram com que ainda em novembro acabasse assassinado (supostamente por resistir à prisão), sendo substituído pelo General Tafari Benti (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981). Em seguida, tiveram início as execuções de oficiais do antigo regime, além da serem proibidas greves e protestos (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981; WESTAD, 2005).

As Diretrizes Políticas sobre o Socialismo Etíope, lançadas em dezembro de 1974, introduziram os conceitos de igualdade social e de dignidade trabalhista, rompendo com as diferenças de classe bastante acentuadas que caracterizavam o regime anterior, principalmente por seu caráter feudal – o qual manteve apesar das tentativas de realização de uma modernização conservadora (VISENTINI, 2013). O novo governo reformulou ainda a economia, estabelecendo um programa de reforma agrária e estatizando diversas empresas. Também ocorreram reformas no sentido de incentivar a diversidade religiosa do país e diminuir o poder da Igreja Copta, principalmente o econômico, visto que foi bastante afetada pela expropriação de terras (CLAPHAM, 1987; SCHMIDT, 2013).

Esse programa de reforma agrária sofreu certa oposição, principalmente de grupos da região de Gojjam, onde havia um sistema de posse comunal da terra (VISENTINI, 2013). Juntamente com essa oposição, as reivindicações de grupos civis por maior participação no processo decisório criaram um clima de instabilidade naquele momento, dificultando a consolidação dos militares no poder.

Outro aspecto importante nessa delicada situação foram as divisões internas ao Derg, culminando com expurgos de opositores por parte do líder Mengistu Haile Mariam, o qual se consolidarano poder em 1977 (HALLIDAY& MOLINEUX, 1981; WESTAD, 2005; VISENTINI, 2013).

O anúncio dessas medidas se deu sem preparação prévia, sofrendo oposição tanto da esquerda quanto da direita. A falta de capacidade administrativa do Derg e a falta de uma orientação política clara dificultaram ainda mais sua implementação. Esse problema ameaça se resolver com a publicação, em abril de 1976, do programa Revolução Democrática Nacional,mas sua implementação tanto política (criação de um partido socialista etíope) quanto econômica é atrasada por uma série de razões: as guerras na Eritréia e em Ogaden, os conflitos entre civis e militares, as fracas capacidades administrativas do regime e os preços do café, principal produto de exportação do país (MARCUS, 2002; TAREKE, 2009;).

Somente em 1978 aparecem sinais de que esses problemas podem ser resolvidos, com o lançamento de uma Campanha Nacional Revolucionária de Desenvolvimento Econômico, a partir da qual foram lançados dois planos com a duração de um ano cada para os anos de 1978-1979 e 1979-1980 (HALLIDAY& MOLINEUX, 1981). Em 1979, ocorreu o lançamento de um ambicioso plano de alfabetização em massa, o qual conseguiu atingir seus objetivos e recebeu prêmios internacionais, sendo o da UNESCO o de maior destaque (SCHMIDT, 2013; VISENTINI, 2013). Já em 1980, foi lançado um plano de dez anos, porém o desempenho econômico durante o regime revolucionário ficou muito aquém das expectativas, inclusive apresentando, em alguns anos, indicadores piores do que os do período anterior (HALLIDAY& MOLINEUX, 1981; SCHWAB, 1985).

3 Impactos Internos e Regionais

O caráter “de cima para baixo” da revolução, ou seja, o fato desta não ter ocorrido por meio de rebeliões provinciais que derrubaram o imperador, não impediu que ocorresse uma conscientização do nacionalismo etíope, o que deu origem a diversos movimentos separatistas. O baixo nível de integração predominante durante o regime imperial se manteve no período posterior, principalmente

pela falta de capacidade do Derg de controlar efetivamente o território, o que influenciou a desestabilização (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981).

3.1 A Guerra de Ogaden

A percepção dessa situação instável por parte da Somália reacendeu o desejo de criação de uma “grande Somália”³, que incorporaria o deserto de Ogaden, território etíope (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981; VISENTINI, 2013). No contexto da Guerra Fria, o chifre africano tinha uma grande importância devido à sua posição estratégica, fazendo com que os conflitos na região e a ascensão de um regime socialista em seu maior país não passassem despercebidos às potências hegemônicas (CHAZAN ET AL, 1999; VISENTINI, 2013). Assim, EUA e URSS apoiaram lados opostos do conflito, tendo ocorrido uma inversão das alianças que predominavam antes de 1974.

Os EUA, até a revolução, apoiavam o imperador Selassie, mas pouco fizeram para impedir sua queda e, aos poucos, se aliaram à Somália. Enquanto isso, apesar da não terem tido influência na orientação socialista do novo regime etíope, tanto Cuba quanto URSS se aliaram, aos poucos, aos etíopes, abandonando sua aliança com os Somalis. Nesse conflito, tanto o apoio soviético quanto o cubano foram de extrema importância para a vitória etíope em 1978 e propiciaram uma aproximação deste país com o bloco socialista. Esse apoio ocorre tanto na forma de venda de equipamento militares, quanto no fornecimento de tropas e assessores (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981; VISENTINI, 2013).

A Somália, assim como a Etiópia, passava à época por diversos problemas internos, desde a ascensão do General Siad Barre ao poder em 1969, por meio de um golpe militar (SCHMIDT, 2013; HALLIDAY & MOLINEUX, 1981). No ano seguinte, o regime de Barre expulsou todos os diplomatas e militares norte-americanos, passando a receber ajuda soviética, a qual foi fundamental durante a seca que assolou o país em 1974-1975 (SCHMIDT, 2013).

3 A “Grande Somália” é uma ideologia nacionalista pan-somali (de certa forma incentivada pelos britânicos no momento da independência) de reunir todos os territórios habitados por somalis no Chifre da África (Ogaden, Djibuti e norte do Quênia) sob o mesmo governo. Essa ideologia foi defendida pelos líderes somalis desde a independência do país em 1960. Nesse contexto, a anexação do deserto do Ogaden seria o primeiro passo para concretizar este projeto pan-somali (TAREKE, 2009; VISENTINI, 2013).

O auxílio soviético, porém, não se limitou aos campos humanitário e econômico, tendo destacada importância para a modernização do exército somali, o qual, em 1976, era um dos mais bem equipados da África subsaariana. A transformação do porto de Berbera no Mar Vermelho em uma base aérea e naval sofisticada também foi obra dos soviéticos, os quais tinham ainda acesso ao porto de Mogadíscio no Oceano Índico (SCHMIDT, 2013; TAREKE, 2000).

Apesar de a invasão da região de Ogaden pelo exército somali só ter ocorrido em junho de 1977, desde 1976 Mogadíscio patrocinava a ação de guerrilhas em território etíope, aproveitando-se da instabilidade interna (TAREKE, 2000). A guerra de atrito que se seguiu a essa invasão contou, no princípio, com expressivas vitórias do exército invasor e quase os possibilitou conquistar a região, principalmente devido à desorganização das tropas etíopes (SCHNEIDER, 2010; TAREKE, 2000). Porém, a vantagem numérica etíope e os erros logísticos e na cadeia de comando dos somalis (os quais tinham se programado para uma guerra curta) fizeram com que a situação se revertisse (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981; TAREKE, 2000).

Ainda assim, o principal fator que contribuiu para a vitória etíope foi o rompimento de Siad Barre com os soviéticos, os quais, juntamente com os cubanos, passaram a auxiliar o regime de Mengistu, enquanto a ajuda ocidental à Somália não foi capaz de preencher de imediato aquele vácuo (TAREKE, 2000).

As disputas entre os dois países já vinham ocorrendo há algumas décadas, com cada um tentando isolar o outro politicamente na região e no continente como um todo, ao mesmo tempo em que patrocinavam opositores do regime que estava no poder (YIHUN, 2014). Essa dinâmica se manteve mesmo durante as negociações de paz, com o regime etíope buscando a fragmentação do rival, o que, juntamente com os esforços somalis para isolar o regime etíope, contribuiu para que as negociações de paz e a demarcação de fronteiras se arrastassem por vários anos (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981; YIHUN, 2014). Um dos principais pontos de discordância entre eles era a preferência de Adis Abeba pela resolução das questões por meio da Organização da União Africana, enquanto Mogadíscio busca internacionalizar a questão; (HALLIDAY & MOLINEUX, 1981; YIHUN, 2014).

3.2 As questões da Eritreia e da região Tigray

Já nos casos da guerra contra a Eritreia e das rebeliões internas, principalmente nas regiões de Oromo e de Tigray, nem mesmo o apoio soviético foi capaz de assegurar a vitória definitiva ao regime, fazendo com que esses conflitos se arrastassem durante todo o período, variando sua intensidade ao longo do tempo. Essa conjuntura foi extremamente prejudicial para a implantação das políticas de desenvolvimento econômico do regime, o qual via seus recursos desviados para o esforço de guerra (VISENTINI, 2013).

A Eritreia foi conquistada pela Itália em 1890 e fora ocupada por forças britânicas entre 1941 e 1952, quando, por recomendação da Assembleia Geral da ONU, foi formalmente entregue à Etiópia como uma unidade federativa que deveria submeter-se à soberania etíope, ainda que mantivesse sua autonomia em questões domésticas. Em 1962, no entanto, tal autonomia foi revogada e a Eritreia foi formalmente incorporada à Etiópia como uma das suas catorze regiões, o que desencadeou uma guerra de libertação nacional, encabeçada por Frente Popular de Libertação da Eritreia (EPLF), que durou trinta anos (CLAPHAM, 1996; RENO, 2011).

A essas dificuldades trazidas pela guerra veio somar-se a Grande Seca de 1984, a qual devastou a produção agrícola do país, responsável por uma grande parcela do PIB e pelo emprego da maior parte da população. A falta de comida e de recursos do Estado agravou-se cada vez mais, tornando-o mais dependente da ajuda externa advinda da União Soviética. Com a desintegração da União Soviética em 1991, portanto, os militares perderam o último pilar que os sustentava, trazendo o regime a seu fim logo em seguida (SCHNEIDER, 2010; WOODWARD, 2013).

O cenário político que culminou com a queda do governo de Mengistu HaileMariam, em 1991, era composto por diversas lideranças étnicas regionais que lutavam pela libertação do país. Entre os grupos mais relevantes – articuladores do processo de libertação e de organização política após 1991 – podemos destacar a Frente de Libertação dos Povos do Tigray (TPLF, na sigla em inglês), e a Frente Revolucionária Democrática do Povo Etíope (EPRDF, na sigla em inglês), ambos os quais continuam a ser peças-chave na política etíope até os tempos atuais. Além deles, é importante mencionar a Frente de Libertação dos Povos Eritreus (EPLF, na

sigla em inglês), cuja luta culminou com o referendo sobre secessão e independência da Eritreia em 1993 (TAREKE, 2009; WOODWARD, 2013).

A partir desse complexo mosaico político, podemos entender a nova Constituição etíope de 1994, que previa o federalismo étnico. Essa forma de administração pretendia acomodar diferentes etnias em uma única federação, prevendo sua autodeterminação e direito à secessão, caso desejado. Embora cada parte administrativa gozasse de certa autonomia, os principais projetos de desenvolvimento e repasses econômicos seriam organizados pelo governo central, sediado em Adis Abeba (SCHNEIDER, 2010; WOODWARD, 2013).

Esse governo central era liderado por Meles Zenawi, líder do TPLF, que presidiu o governo de transição até ser nomeado Primeiro Ministro, em 1995. É notável a forte orientação governamental para o desenvolvimento, buscando investir em obras de infraestrutura e em projetos de segurança alimentar para erradicar os problemas de fome do país. Como consta no próprio documento oficial sobre segurança nacional e relações exteriores da Etiópia, os princípios básicos a serem seguidos pelo país seriam os de busca pelo desenvolvimento, de consolidação da democracia e de inserção no mundo globalizado – de forma a melhor aproveitar seu potencial e de captar recursos para o desenvolvimento. É importante notar também a ênfase dada à coesão social etíope, essencial para o desenvolvimento conjunto de toda a nação e para a manutenção da estabilidade étnica e política da Etiópia (ETIÓPIA, 2002).

4 Impactos Sistêmicos

O debate em torno da influência dos atores externos após a queda do imperador tende a gerar controvérsias, pois, ao mesmo tempo que não se pode definir os acontecimentos como movidos apenas pelos constrangimentos externos, não se pode também negar sua influência, exacerbando tensões e auxiliando atores locais de acordo com seus interesses. Em um contexto de Guerra Fria, mais especificamente no fim da détente e no início da segunda Guerra Fria, a revolução etíope teve destacada relevância, principalmente devido à localização geográfica estratégica do país. Naquele momento, o chifre africano foi motivo de disputas internacionais e

importante fator de acirramento nas tensões entre as duas potências (HALLIDAY& MOLINEUX, 1981).

Ainda assim, os conflitos regionais foram ocasionados por fatores internos e uma significativa autonomia foi mantida, principalmente por Etiópia e Somália. O papel externo nesses conflitos se deu a partir da busca por auxílio por parte dos Estados envolvidos, principalmente na forma de equipamentos militares e de empréstimos – e, no caso do envolvimento cubano e soviético, com o envio de tropas e assessores militares (HALLIDAY& MOLINEUX, 1981).

Essas intervenções externas (motivadas principalmente pelo contexto de disputas cada vez mais acirradas por influência entre as potências) acabaram exacerbando as tensões locais (HALLIDAY& MOLINEUX, 1981; SCHMIDT, 2013), e a militarização da região durante esse período tem influência sobre a instabilidade que se faz presente até os dias atuais (SCHMIDT, 2013).

4.1 Estados Unidos e aliados

As relações da Etiópia com os EUA se iniciaram durante a Segunda Guerra Mundial e se intensificaram após o fim da ocupação britânica do país em 1952. No ano seguinte, foram assinados dois acordos: um de assistência militar e outro relativo à presença norte-americana na base de Kagnew, em Asmara, na Eritreia, importante para as comunicações estadunidenses (CLAPHAM, 1985; LEFEBVRE, 1998; SCHMIDT, 2013). Além disso, havia a crença de que a melhor forma de se evitar a expansão do socialismo pela região era manter a estabilidade regional, sob liderança do imperador etíope (SCHMIDT, 2013).

A ajuda norte-americana aumenta após o golpe contra Selassie em 1960, principalmente por meio da assinatura de novos pactos militares, em que os EUA declaravam sua posição favorável à integridade territorial etíope, sem se comprometer a intervir militarmente caso algo ocorresse (WOODWARD, 2013).

O recebimento de ajuda soviética pela Somália a partir de 1969 aumentou a importância da Etiópia para o ocidente, servindo como um aliado forte por suas posições anticomunistas. Percebendo os perigos da situação caótica em que se encontrava o país, os EUA tentaram, sem sucesso, pressionar o imperador a

realizar reformas nos anos 1960, principalmente após os eventos em Cuba e no Vietnã (WESTAD, 2005).

Nos anos 1970, a base de Kagnaw se torna menos importante para os americanos, o que, aliado ao fim das relações entre Etiópia e Israel, em 1973, após anos de pressão dos árabes e graças à inabilidade do governo em lidar com a crise de fome em 1972-1973, faz com que as relações esfriem progressivamente. Após a revolução, o apoio ao Derg era mantido por razões estratégicas, até 1977, vendas militares foram feitas e ajuda continuou sendo enviada. Nesse ano, os EUA anunciam a redução da ajuda militar devido aos abusos de direitos humanos perpetrados pelo regime, assunto que passa a ser o foco da administração Carter. A quebra se efetiva com o anúncio de possível envio de armas estadunidenses para o Sudão e para a Somália, rivais do regime etíope (PATMAN, 1990).

4.2 URSS e Cuba

As relações com a URSS e com o bloco socialista, principalmente com Cuba, se intensificam a partir de 1977, quando seu apoio aos etíopes aumenta consideravelmente. Reverte-se assim o padrão que vinha desde o pós-guerra, em que o chifre africano era inicialmente de pouca relevância para os soviéticos, que votaram contra a proposta de federação com a Eritreia e defendem sua independência, o que parece ocorrido mais para se opor aos países imperialistas. Ao final da década de 1950, estabelecem relações com Selassie, realizando empréstimos e construindo a primeira refinaria do país (PATMAN, 1990).

A revolução etíope é recebida com cautela pelo bloco soviético, e a falta de um partido socialista faz com que não haja apoio imediato. Em 1978, passam a apoiar claramente as reivindicações etíopes sobre a Eritreia, condenando o movimento separatista, o qual estaria sendo utilizados pelos países imperialistas para enfraquecer a Etiópia e tirar seu acesso ao mar. Só quando Mengistu assume o poder as reservas dos soviéticos são superadas e os acordos militares são efetivados (VISENTINI, 2013).

Os soviéticos tentam, junto com Fidel, acordar a paz entre etíopes e somalis e, ao falharem, se inicia a Guerra de Ogaden. Nos primeiros meses da guerra, continuaram apoiando (ainda que de forma limitada) a Somália, buscando influenciá-la,

até os conselheiros soviéticos e cubanos serem expulsos do país, o que faz com que a ajuda em forma de equipamentos e de pessoal passe a ser efetivamente fornecida aos etíopes. Mesmo, assim, discordâncias se mantêm: a URSS defendia a necessidade de se estabelecer um partido socialista nacional, o que foi constantemente adiado pelo Derg (TAREKE, 2000; WOODWARD, 2013).

Por fim, o papel de Cuba foi tão importante para o regime socialista etíope quanto o soviético. Acusados, junto com os russos, de terem traído seu antigo aliado (Somália) e de terem mudado de lado na questão da Eritreia, os cubanos foram mal vistos mesmo por alguns países socialistas. Antes de 1974, apoiaram o movimento eritreu, porém a ajuda militar foi suspensa nos anos de 1970 devido às divisões no movimento, apesar de o apoio político ter sido mantido. Em 1972, por sua vez, estabelecem relações com a Somália, assinando em 1974 diversos acordos de cooperação (SCHMIDT, 2013).

Como já mencionado anteriormente, as alianças se invertem e, ao final de 1977, tropas cubanas chegam para auxiliar o exército etíope na Guerra de Ogaden. Além disso, proporcionam significativa ajuda civil. Porém, em relação à guerra contra a Eritreia, o regime cubano se absteve de pronunciamentos e suas tropas não lutaram efetivamente ao lado do exército da Etiópia, tendo em vista a ideologia do Movimento dos Não Alinhados (MNA) do qual o país era membro (PATNAM, 1990).

5 Conclusão

Podemos observar que, apesar de pouco estudada, a revolução etíope teve importantes consequências para o Sistema Internacional, inclusive sendo um dos fatores que causaram o acirramento das tensões que levaram ao fim da *détente* e originaram a segunda guerra fria. O estudo dessa revolução também desmistifica o país como sendo um país pobre e subserviente de Terceiro Mundo e o coloca como ator autônomo (dentro do possível) e diplomaticamente relevante para além do continente africano.

Sendo assim, a análise vai ao encontro dos postulados de Halliday (1994), principalmente porque o autor trata da relação entre guerras e revoluções, pois a percepção de instabilidade trazida pela revolução ocasionou revoltas regionais e

guerra interestatal, que por sua vez ocasionaram uma revolução que levou ao fim do regime vigente. Também pode-se perceber como o desenvolvimento interno do Estado revolucionário etíope foi influenciado pelas ações de outros Estados, tanto em suas dimensões políticas e sociais quanto econômicas.

No âmbito interno, a revolução provocou transformações profundas na estrutura social, econômica e política do país, pois uma ordem praticamente feudal, com forte controle institucional da aristocracia e da Igreja, foi derrubada, levando ao início um processo de modernização do país. Aspectos desse processo que se revelaram vitais para a destruição das bases do regime foram as reformas agrária e urbana e uma política bastante avançada para erradicar o analfabetismo.

A queda de Mengistu e o conseqüente fim do regime trazem, em âmbito regional dois desdobramentos importantes. O primeiro foi a queda de Siad Barre na Somália e a conseqüente fragmentação do país (que se mantém até hoje). O segundo foi a independência da Eritreia, ocorrida após anos de lutas, através de um processo considerado “amigável”. Com o passar do tempo, porém as relações entre o novo Estado e a Etiópia se deterioraram, levando a uma guerra entre os dois países entre 1998 e 2000.

Sendo assim, o objeto de estudo do presente trabalho torna-se relevante não só por seu caráter inovador quando comparado à outras revoluções (ao trazer a união dos militares às movimentações das massas). É também primordial para entender a conjuntura atual do Chifre Africano e suas dinâmicas, sem que se recorra a lugares-comuns e visões que não condizem com a realidade regional.

Ethiopian Revolution: Regional and Systemic Implications

ABSTRACT: This article aims to analyze the 1974 Ethiopian revolution and its consequences for the international presence of the country. First, we make a brief introduction to the theme and to the country's history. Then, there is a description of the context and of the revolutionary process itself. Next, its effects to Ethiopia's international and regional insertion are demonstrated, as well as repercussions for the international system and its balance of power. This is followed by the conclusion that the Ethiopian revolution was of great importance not only for the region, but also for the international system and for the conflict between the superpowers ongoing at that time.

KEYWORDS: Ethiopia; Revolution; African Horn; Cold War.

Referências

ADEJUMOBI, Saheed A. **The History of Ethiopia**. Westport: Greenwood Press, 2007. (The Greenwood Histories of the Modern Nations)

CARVALHO, Josiane R. **Etiópia: papel regional e desafios para o desenvolvimento**. 2013: 76 p. Trabalho de Conclusão de Graduação em Relações Internacionais – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CLIFFE, Lionel. **Regional dimensions of conflict in the Horn of Africa**. Third World Quarterly, v. 20, n.1, p.89-111, 1999.

CHAZAN, Naomi et al. **Politics and society in contemporary Africa**. 3th. ed. Boulder, Colo: Lynne Rienner, 1999.

CLAPHAM, Christopher. **War and state formation in Ethiopia and Eritrea**. Trabalho apresentado na Conferência FailedStates, Florença, 2001. Disponível em: http://www.comm.ucsb.edu/faculty/mstohl/failed_states/2001/papers/CLAPHAM1.pdf

_____. **Rewriting ethiopian history**. *Annales d'Ethiopie*, v.18, p. 37-54, 2002.

_____. The road to the sea: the regional politics of Ethiopia's trade. In: SÖDERBAUM, Fredrik; TAYLOR, Ian (Eds). **Afro-regions the dynamics of cross-border micro-regionalism in Africa**. Stockholm: Nordiska Afrikainstitutet, 2008, p.136-152.

_____. **Transformation and continuity in Revolutionary Ethiopia**. *African Affairs*, Oxford, v. 86, n. 343, p. 151-165, 1987.

CLIFFE, Lionel. **Regional dimensions of conflict in the Horn of Africa**. *Third World Quarterly*, v. 20, n.1, p.89-111, 1999.

HALLIDAY, Fred; MOLYNEUX, Maxine. **The Ethiopian Revolution**. London: Verso Editions and NLB, 1981.

HALLIDAY, Fred. **US Policy in the Horn of Africa: Aboulia or Proxy Intervention?** *Review of African Political Economy*, n.10, p. 8-32, 1977.

HALLIDAY, Fred. **Rethinking international relations**. London: Macmillan Press, 1994.

HALLIDAY, Fred. **Revolution and world politics: The rise and fall of the sixth great power**. London: Macmillan Press, 1999.

LEFEBVRE, Jeffrey A.. **The United States, Ethiopia and the 1963 Somali-Soviet arms deal: containment and the balance of power dilemma in the Horn of Africa**. *Journal of Modern African Studies*, v.36, n.4, p.611-643, p.1998.

MARCUS, Harold G. **A History of Ethiopia**. Los Angeles: University of California Press, 2002.

MARKAKIS, John. **Radical military regimes in the Horn of Africa**. In: MARKAKIS, John; WALLER, Michael (Eds). *Marxism regimes in Africa*. Londres: Frank Cass, 1986.

PATMAN, Robert G. **The Soviet Union in the Horn of Africa: the Diplomacy of intervention and disengagement**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SCHMIDT, Elizabeth. **Foreign intervention in Africa: from Cold War to the war on terror**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

SCHNEIDER, Luíza Galiazzi. **O papel da guerra na construção dos Estados modernos: o caso da Etiópia**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SCHRAEDER, Peter J. **The Horn of Africa: US foreign policy in an altered Cold War environment**. *Middle East Journal*, v. 46, n. 4, p. 571-593, 1992.

SCHWAB, Peter. **Ethiopia: politics, economics and society**. Londres: Francis Printer Publishers, 1985.

TAREKE, Gebru. **The Ethiopia-Somalia war of 1977 revisited**. *International Journal of African Historical Studies*, v.33, n.3, p.635-667, 2000.

_____. **The Ethiopian revolution: war in the Horn of Africa**. New Haven: Yale University Press, 2009.

VISENTINI, Paulo F. **A África na Política Internacional: O sistema interafricano e sua inserção mundial**. Curitiba: Juruá, 2010.

_____. **As Revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia**. São Paulo: Unesp, 2012.

Revolução Etíope: Transformação Socialista e Construção de Nação (1974-1991). In: *Revoluções e Regimes Marxistas: Rupturas, Experiências e Impacto Internacional*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2013.

Revoluções e Relações Internacionais: O caso africano. *Revista Brasileira de Estudos Africanos*, Porto Alegre, volume 1 n.1, p. 111-129, Jan./Jun. 2016. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/rbea/article/view/62727/37536>>.

WESTAD, Odd Arne. **The global Cold War third world interventions and the making of our times.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

WOODWARD, Peter. **Crisis in the Horn of Africa: Politics, Piracy and the Threat of Terror.** Londres: I.B.Tauris& Co Ltd, 2013.

YIHUN, BeleteBelachew. **Ethiopian foreign policy and the Ogaden war: the shift from “containment” to “destabilization” - 1977-1991.** *Journal of Eastern African Studies*, v.8, n.4, p. 677-691, 2014.

YOUNG, John. **Revolutionary crisis and revolutionary vanguard: the emergence of the Eritrean People's Liberation Fronts: history and pragmatism.** *Journal of the Middle East and Africa*, Philadelphia, v.34, n.1, p.105-120, 1996a.

The Tigray and Eritrean People's Liberation Fronts: a history of tensions and pragmatism. *Journal of Modern African Studies*, Cambridge, v.34, n.1, p.105-120, 1996b.